TEATRO NACIONAL S.JOÃO

QUI A TUÉ MON PÈRE

“História de uma morte social”

ÉDOUARD LOUIS

Quem Matou o Meu Pai é a história de um regresso. Eu tinha 21 anos e não via o meu pai há já quatro anos – quase um quarto da minha vida. No romance *En finir avec Eddy Bellegueule*, falo da minha infância, a de um *queer* nascido numa aldeia e destinado a “acabar numa fábrica”. Na escola chamavam-me “paneleiro” e, ao chegar a casa, diziam-me: “Porque és assim? Enches-nos de vergonha.” Estava sozinho em todo o lado, e foi a minha homossexualidade que me obrigou a fugir – o que na época entendi como um fracasso: não tinha conseguido ser “um deles”.

Quando ele abriu a porta, tive um choque. O meu pai é ainda relativamente novo, mas tem falta de ar, precisa de uma máquina para o ajudar a respirar durante a noite, foi submetido a várias operações no seguimento de uma “eventração” – um termo médico que me era desconhecido –, a sua diabetes é grave, tem um nível de colesterol elevado… Não sofre de uma “grande doença” e tem até tendência para dizer que está “bem”. Mas semelhante estado de saúde será normal aos cinquenta anos?

Quis contar a história deste homem, das minhas primeiras recordações de infância e da minha vida com ele até à sua morte social. Escrevi a biografia do meu pai pelo prisma da nossa relação, pois é este o caminho que me parece mais honesto: contar a sua vida através do modo como eu o conheci, das memórias que guardo dele, dos nossos silêncios e também dos seus insultos, da nossa separação… até hoje.

Quero falar do assunto porque mais ninguém o faz, porque ele insiste em dizer “estou bem”, porque tem vivido numa tal situação de violência social permanente que isto se tornou, para ele, normal. Já falei da violência por ele exercida, e tenciono revelar agora, com toda a veemência, a violência por ele sofrida, o tipo de violência que atravessa os seres com semelhante força que acaba por se prolongar nos seus atos.

Essa violência social de que falo não é abstrata, encarna na política e nas mulheres e nos homens que a fazem. O que a política produz sobre um corpo, sobre uma vida, creio que é uma experiência universal. Mas os escritores não falam disso. Em primeiro lugar, porque o assunto não lhes diz respeito: eles são, na sua grande maioria, oriundos das classes privilegiadas. Mas também porque a questão não parece ser tema de “literatura”. Quando se fala de um pai que morreu na guerra, temos aí uma história que toda a gente pode compreender. Mas como escrever a morte social de um homem que pertence ao grupo dos chamados “excluídos”, ou desses a quem os governantes chamam “indolentes” e contra os quais sucessivos governos se encarniçaram? Alguns mortos são mais “literários” do que outros. O meu pai pensará, sem dúvida, que escrever a sua vida é inútil, que não vale a pena contá-la. Para mim, é essencial fazê-lo, pois só depois de ter partido pude compreender o que ambos vivemos. Compreender que os meus sentimentos mais pessoais se inscreviam numa história social – e, particularmente, numa imposição permanente da masculinidade. E é esta tomada de consciência que somente hoje me permite viver os momentos felizes da minha infância, ao escrevê-los.

O teatro, graças à sua frontalidade e à concisão temporal que implica, convém plenamente à minha necessidade de criar uma “literatura do confronto”.

Trad. **Rui Pires Cabral**.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA **ALEXANDRA NOVO, INÊS SOUSA** DIREÇÃO DE PALCO **EMANUEL PINA** ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO **FILIPE SILVA** DIREÇÃO DE CENA **CÁTIA ESTEVES** LUZ **FILIPE PINHEIRO** (COORDENAÇÃO), **ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, MARCELO RIBEIRO, NUNO GONÇALVES** MAQUINARIA **FILIPE SILVA** (COORDENAÇÃO), **ANTÓNIO QUARESMA, JOAQUIM MARQUES, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA** SOM **FRANCISCO LEAL** (COORDENAÇÃO), **JOEL AZEVEDO** VÍDEO **FERNANDO COSTA** OPERAÇÃO DE LEGENDAGEM **AMARANTE ABRAMOVICI**

APOIOS TNSJ

APOIOS À DIVULGAÇÃO

AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO, POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA, MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO, CACE CULTURAL DO PORTO

EDIÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDIÇÕES DO TNSJ

COORDENAÇÃO **FÁTIMA CASTRO SILVA**
FOTOGRAFIA **JEAN-LOUIS FERNANDEZ**
DESIGN GRÁFICO **SAL STUDIO**
IMPRESSÃO **GRECA – ARTES GRÁFICAS**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para o intérprete como para os espectadores.

"Um cântico de amor"

STANISLAS NORDEY

Conheci Édouard Louis no TNS [Théâtre National de Strasbourg] por ocasião de uma leitura do seu texto *Histoire de la violence*, no âmbito do programa *L'autre saison*, em fevereiro de 2016.
Por detrás do escritor, descobri o homem e a sua muito estreita ligação ao teatro.
Propus-lhe que se aventurasse num território que lhe era novo: escrever para o palco, uma proposta muito aberta e não uma encomenda propriamente dita.
Em dezembro último, ele enviou-me *Quem Matou o Meu Pai*.
Fiquei encantado com a simplicidade e a força do texto, no qual se entrecruzam o íntimo e o político, e, após uma conversa com Édouard, combinámos que seria eu a interpretar e a encenar esse texto.
Na minha prática de ator, uma das linhas de força fundamentais das minhas escolhas tem sido a de encarnar as figuras dos próprios autores: sou Falk Richter em *My Secret Garden* e em *Je Suis Fassbinder*; sou Christophe Pellet em *La Conférence*; sou Pascal Rambert em *Clôture de l'amour* e em *Répétition* – para mim é, pois, simples e evidente tornar-me Édouard Louis em *Quem Matou o Meu Pai*.
Agrada-me essa forma de consanguinidade com os autores, gosto de lhes vestir a pele.
Quem Matou o Meu Pai é, por um lado, um magnífico cântico de amor e de reconciliação, um mergulho na memória, um regresso à infância, e, por outro, um "J'accuse" para os tempos que correm, nascido da urgência e da necessidade, do fogo, como diz o próprio Édouard Louis.
Foi essa singularidade e riqueza que me guiaram neste trabalho: Édouard Louis perscruta e observa os invisíveis. Apresenta palavras, "fala por aqueles que não têm a palavra", para citar Gilles Deleuze, e fá-lo por meio de uma estrutura delicada e complexa.
Este texto está próximo de *Le malheur indifférent* [*Wunschloses Unglück*], de Peter Handke, ou dos escritos de Annie Ernaux e de Didier Eribon, mas reafirma essa linha clara que caracteriza a escrita de Édouard Louis.
Uma linha simultaneamente sensível e contundente.

Trad. **Rui Pires Cabral**.

7+8 JANEIRO 2021
QUI+SEX 19:00
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO
O OLHAR DE ULISSES

QUI A TUÉ MON PÈRE

TEXTO **ÉDOUARD LOUIS**
ENCENAÇÃO E INTERPRETAÇÃO **STANISLAS NORDEY**

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA
CLAIRE INGRID COTTANCEAU

DESENHO DE LUZ
STÉPHANIE DANIEL

CENOGRAFIA
EMMANUEL CLOLUS

COMPOSIÇÃO MUSICAL
OLIVIER MELLANO

CRIAÇÃO SONORA
GRÉGOIRE LEYMARIE

CLARINETE
JON HANDELSMAN

ESCULTURAS
ANNE LERAY, MARIE-CÉCILE KOLLY

DIREÇÃO DE PALCO
ANTOINE GUILLOUX

MESTRE CARPINTEIRO
CHARLES GANZER

TÉCNICO DE ILUMINAÇÃO
PATRICK DESCAC

ENGENHEIRO DE SOM
SÉBASTIEN HOERTH

TÉCNICO DE SOM
LAURENCE BARBIER

PRODUÇÃO (DIGRESSÃO)
JULIE SALLES

COM A PARTICIPAÇÃO AMIGÁVEL DE
WAJDI MOUAWAD

A CENOGRAFIA E OS FIGURINOS FORAM CRIADOS NOS ATELIÊS DO THÉÂTRE NATIONAL DE STRASBOURG

PRODUÇÃO
THÉÂTRE NATIONAL DE STRASBOURG
(FRANÇA)

COPRODUÇÃO
LA COLLINE – THÉÂTRE NATIONAL
(FRANÇA)

ESTREIA
12 MAR 2019
LA COLLINE – THÉÂTRE NATIONAL
(FRANÇA)

DUR. APROX.
2:00
M/16 ANOS

ESPETÁCULO EM LÍNGUA FRANCESA, LEGENDADO EM PORTUGUÊS.

CONVERSA COM O JORGE
8 JAN

A tradução para legendagem é da autoria de **Luísa Benvinda Álvares** (*Quem Matou o Meu Pai*, Elsinore, 2020).

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
O TNSJ É MEMBRO
TNS Théâtre National de Strasbourg
OPERAÇÃO CENTENÁRIO
NORTE2020
PORTUGAL 2020
UNIÃO EUROPEIA
MECENAS DO CENTENÁRIO
BPI
Fundação "la Caixa"
PARCEIROS MEDIA
1 ANTENA
2 ANTENA
3 ANTENA